

DOI: <https://doi.org/10.29327/560891.1-1>



## Dentro de contexto: o ambiente sonoro do Selvagerias<sup>1</sup>

Frederico Sabanay

Lucas Lippi

Tainá Scartezini

Por onde começar? Como estudantes de Antropologia, temos preferência por formas narrativas e, no caso do Selvagerias, nosso *podcast*, essa narrativa tem mais de um começo: o começo da Antropologia como Ciência, os nossos primeiros contatos com a disciplina e nosso início como grupo de produtores. Este texto contará um pouco sobre esses diferentes pontos de partida. São diferentes ambientes que se confundem em um único enredo.

---

<sup>1</sup> Os episódios podem ser ouvidos por meio das plataformas: Apple Podcast, Deezer, Google Podcast, Soundcloud, Spotify; ou em nosso site: <https://selvageriaspodcast.wordpress.com/>; Instagram: <https://www.instagram.com/selvageriaspodcast/>

Pensando num contexto, um momento que explique o surgimento das nossas motivações e como o *podcast* nos contaminou, já temos algumas histórias. Fim de graduação, desemprego e eleições nacionais. Esse foi o ano de 2018 para Tainá Scartezini (Tai), que encontrou na escuta de *podcasts*, e posteriormente na feitura deles, um jeito de expressar suas inquietações. Era também uma maneira de continuar discutindo Antropologia. Na segunda metade de 2018, tivemos nosso primeiro encontro. Discussões e acirramentos políticos se intensificaram no Brasil, fazendo com que Lucas Lippi (Lippi) se perguntasse onde estariam antropólogos nesses debates. Essa questão, compartilhada com Tai, Beatriz Braga (Bia) e Clarice Sá (Clarice), tornou-se combustível para a produção de um *podcast*.

Já como um grupo, víamos que as contribuições da Antropologia eram pouco encontradas nas mídias populares. Sentíamos a necessidade dessa presença para além das revistas especializadas. E se essa área particular das Ciências Sociais nos provoca a exercitar múltiplos caminhos narrativos, a história da disciplina tem que circular em diferentes espaços. Há muito a ser contado, mas principalmente muitas maneiras de contar. Um *podcast*, portanto, seria um veículo privilegiado para experimentação.

Alguns meses de reuniões convergiram com as inquietações e a vontade de Frederico Sabanay (Fred) de se arriscar em práticas pouco difundidas na formação em Ciências Sociais. Rodeado por esse desejo, Fred encontrou na construção da paisagem sonora do Selvagerias a junção de interesses distintos. No episódio 4, por exemplo, em que falamos sobre o fim do mundo, misturamos instrumentos musicais com sons do vento e de ambientes em silêncio. A intenção era construir uma sensação de vácuo, de vazio, que invadia as falas constantemente, confundindo-se com os ruídos de fundo da gravação. Assumimos que sons produzidos por diferentes fontes - instrumentos musicais, animais e fatores climáticos - eram peças úteis para compor uma experiência auditiva. Fred, por sua vez, trouxe consigo o Mateus Bravin (Mat), que estudava Letras e já tinha formação em Audiovisual, ajudando o coletivo com sua experiência em edição.

O formato de *podcast*, uma mídia em áudio disponível em aplicativos e *sites* na internet, viu seu consumo e sua produção aumentar muito desde 2018. Essa forma de comunicação, até aquela época, não era explorada por profissionais de Antropologia no Brasil. A inexistência de formatos impostos ou de limites de duração para cada programa dá total liberdade criativa para quem deseja produzir: um desafio ao mesmo tempo difícil e estimulante. Além disso, a mídia em áudio correspondia ao nosso principal objetivo: ser uma ferramenta para que as discus-

sões da Antropologia atingissem um público mais amplo, além do pequeno grupo de estudantes que se dedica a estudá-la.

Encontros, inquietações e motivações. Uma atmosfera precisa de estudantes das Humanidades. Cenário em que os ataques a essa área do saber científico ganhavam força, o ano de 2018 e seu ambiente pleno de tensão, nos provocou a dar concretude aos nossos desejos. Como começar? Essa pergunta cabe não somente ao texto. Ela nos persegue desde nosso primeiro encontro. Onde gravar? Era preciso encontrar equipamentos, lugares adequados para a gravação, pessoas que nos ajudassem com a edição. Sobre o que falar? A quantidade de temas e estudos antropológicos nos obrigavam a escolher um caminho.

Por diferentes razões, mantivemos nosso engajamento com o Selvagerias, mesmo depois da pandemia. Cada uma de nós tem uma perspectiva diferente sobre como nos apaixonamos pelo fazer antropológico, o que nos convidou a estudar Antropologia, assim como aquilo que nos provocou a produzir um *podcast*. São diferentes pontos de vista que ora nos aproximam, ora nos afastam. E esse constante movimento é o que nos une.

### Como se faz (a) Antropologia?



Da esquerda para a direita: Lucas, Beatriz e Tainá. Fonte: Arquivo do Selvagerias

Graduação em Ciências Sociais na capital paulista. Os corredores do prédio do meio da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), ambientes em que muitas coisas acontecem. As lanchonetes também. Abastecimento de cafés e lanches é essencial. Manter o cérebro funcionando demanda energia. O piso vinílico cinza dos corredores internos, que combina com as portas das salas de aula, também cinzas; as longas filas nas lanchonetes no horário do intervalo; as árvores, os jardins e os gramados que preenchem os espaços externos dos prédios. As pessoas, assim como seus cigarros, cafés e comidas, que davam cheiro e sabor às rodas de conversa, também são importantes componentes do cenário que nos formou. Uma mistura de tabaco com Filosofia, café com Sociologia, kibe vegetariano com Antropologia; ou qualquer outra combinação à escolha. Um cardápio verdadeiramente variado e que nos provoca a pensar.

No Brasil, quem deseja se formar em Antropologia, comumente ingressa numa faculdade de Ciências Sociais. São poucas as universidades que oferecem cursos exclusivos na disciplina. No caso da Universidade de São Paulo (USP), onde nos graduamos, a Antropologia segue acompanhada da Ciência Política e da Sociologia. Essa característica é importante, pois demonstra como nós, antropólogos do Brasil, nos aproximamos de nossos estudos.

Geralmente, quando falamos em “Antropologia”, não falamos “Antropologia Social” ou “Antropologia Cultural”, porque para nós isso está implícito. A Antropologia Sociocultural estuda os aspectos que unem e diferenciam a humanidade em coletivos, sociedades, grupos, etnias ou culturas. É uma Ciência que está ligada às Humanidades. Em outros lugares, por outro lado, a Antropologia Social é ensinada junto da Arqueologia e da Antropologia Biológica com seus diferentes ramos, como a Antropologia Física, a Antropologia Médica e a Antropologia Evolutiva. Essas disciplinas também estudam a humanidade, mas com um outro olhar. A conexão com essas duas áreas, Antropologia Biológica e Arqueologia, direciona a uma maior preocupação com a humanidade em seus aspectos também biológicos.

Contar nossa trajetória como coletivo é um exemplo do que antropólogos socioculturais fazem. Ao longo de nossa formação, lemos um conjunto de textos parecidos, assistimos a aulas de professorias comuns, acabamos por fazer amizades com pessoas que compartilham das mesmas referências. Por consequência,

nossas visões de mundo particulares começam a se confundir com as coletivas. Nossos pontos de vista individuais assumem uma outra tonalidade.

Aprendemos a misturar nossas ideias com as de outras pessoas. Mas isso não significa que perdemos o que nos diferencia como sujeitos. Compartilhamos de muitas opiniões e concordamos com muitas análises, mas temos preferências, escolhas, personalidades e gostos distintos. Mas são os acontecimentos que levaram à formação do Selvagerias que importam, se quisermos abordar essa história por meio da Antropologia Sociocultural.

A trajetória de cada um é bastante diversa. Lippi, o mais velho da turma, já havia estudado Medicina Veterinária, também na USP, mas abandonou o curso depois de alguns anos. Escolheu as Ciências Sociais, pois acreditava que elas dariam uma visão mais crítica sobre o mundo. Sua intenção era fazer da teoria social conteúdo de filmes. Ele não quis ingressar num curso de Cinema, pois acreditava que seria técnico demais, que fosse ensinar a mexer com equipamentos e a escrever roteiros. Era mais relevante pro Lippi aprender a analisar nossa sociedade de uma maneira mais complexa e profunda. Bom, quanto a isso, não podemos negar que foi uma escolha acertada. Antes com filmes, agora com *podcasts*, a vontade inicial de Lippi de produzir conteúdos para um público mais amplo permanece.

Tai, por sua vez, depois de prestar vestibular pra Letras, Jornalismo, Arquitetura e Engenharia Civil (tudo num ano só), descobriu que não sabia bem o que queria. Por influência de uma psicóloga e lendo um pouco mais sobre o campo, achou que as Ciências Sociais eram boas pra pensar. Assim, com essa ideia na cabeça, deixou o interior de Santa Catarina, onde nasceu e cresceu, e se mudou pra São Paulo de mala e cuia, como se costuma dizer por aquelas bandas. Acha curioso como depois de tantos anos estudando Ciências Sociais se reencontrou com o Jornalismo, carreira que desistiu de cursar, mas que agora faz parte do seu cotidiano.

Fred, o mais novo do grupo a entrar no curso de Ciências Sociais, sempre foi apegado às imagens e às sonoridades, muito antes de ingressar na universidade. Desde cedo, viveu em casa transbordada de parentes, foi acostumado a escutar muita gente ao mesmo tempo. Aprendeu violão ainda pequeno, junto com os irmãos, sem saber ler uma partitura - talvez por isso acabou colaborando para que não ingressasse em um curso superior de Composição de música, por conta da

falta de erudição. Prestou o vestibular para Ciências Sociais, logo após as movimentações de junho de 2013, um momento conturbado que reinseriu o anseio por um debate político incessante em toda uma juventude. Logo, reencontrou o ato da escuta ativa e da observação atenta por meio das abordagens presentes no campo de formação em Antropologia.

O *Selvagerias* surge, então, de um encontro entre colegas, uma amizade entre fins de graduação que se viram atrás da seguinte pergunta: mas afinal, qual a diferença da Antropologia para as outras Ciências Sociais?

No primeiro episódio do *Selvagerias*, *O que é Antropologia?*, conversamos com Fernanda Arêas Peixoto e Marina Vanzolini, professoras do Departamento de Antropologia da USP. Ao longo do programa, falamos de algumas definições para essa Ciência, por meio das quais discutimos nossa formação e nosso ofício. Segundo Fernanda Arêas Peixoto, partindo de uma definição dada por Lévi-Strauss em uma conferência chamada *O lugar da antropologia nas Ciências Sociais*,

[...] a antropologia é a ciência social do observado ... Ciência que parte do ponto de vista do nativo, seja ele qual for, não somente para compreendê-lo, mas para que esse ponto de vista outro afete os nossos próprios pontos de vista, as nossas próprias formas de compreensão, alargando-as e transformando-as. As ferramentas antropológicas nos ensinam desde cedo a exercitar uma espécie de descentramento do olhar...

Reforçando essa dimensão de “ir até o outro”, lembramos que fazer Antropologia é se deslocar física e mentalmente até as pessoas com quem dialogamos, para entender como essas pessoas pensam e vivem. Já Marina Vanzolini nos conta que, para ela, a Antropologia é “um método poderoso de conhecimento e de reflexão”. É uma matéria que nos provém de técnicas para refletir sobre nosso modo de estar no mundo e de nos relacionarmos com outrem. A Antropologia nos permite superar preconceitos, pois é a Ciência que prioriza descrever a visão das pessoas sobre quem escrevemos.

Deslocar-se, experimentar, compreender. Se para fazer Antropologia precisamos ir até as pessoas com quem conversamos, para o *Selvagerias* ser produzido, precisávamos também ir até um estúdio de gravação. Depois de muitas conversas

regadas a café, começamos a busca por lugares que pudessem fornecer materiais de gravação.

### **Como se faz um *podcast*?**

Lá em 2018, faltavam conteúdos sobre Antropologia acessíveis para o público não acadêmico e que circulassem para além das fronteiras universitárias. Isso nos motivou a produzir um *podcast* de divulgação científica. Embora hoje já existam alguns *podcasts* do gênero, na época, nenhum ainda havia sido publicado. Assim, queríamos fazer circular em outros espaços esses saberes antropológicos e, ao mesmo tempo, expressá-los com outras linguagens, mais didáticas e artísticas. Isso porque a Antropologia não escapa do contexto elitista do ensino superior público no Brasil. Principalmente, quando pensamos nos aspectos raciais e econômicos, a graduação em Ciências Sociais na USP, assim como a pós-graduação, ainda é fortemente preenchida por pessoas brancas de classes econômicas mais abastadas. Ademais, a tímida divulgação para além do público especializado resulta da preocupação excessiva de antropólogos com o vocabulário usado pela mídia de grande circulação. Os conceitos e os contextos das informações importantes para antropólogos, quando reordenados ou traduzidos para sinônimos, podem resultar em desentendimentos, pois existem equívocos culturais nem sempre bem esclarecidos em rápidas explicações. Isso faz com que muitos pesquisadores se neguem a dar entrevistas a jornalistas.

Justamente por isso, pela possibilidade de exploração dos diferentes significados das palavras, optamos por um formato mais narrativo, ao invés dos típicos programas “roda de conversa”, bastante usados por produtorias de *podcast*. A narração nos permitiu brincar com sons na tentativa de criar paisagens mais fluídas à audição, além de explorar a descrição e a contação de histórias, tão caras aos textos etnográficos. Etnografias são textos que descrevem o trabalho de campo de um antropólogo e a população com a qual conviveu. Ao mesmo tempo que o formato narrativo multiplica os recursos para contarmos histórias, exige um trabalho de edição mais cuidadoso dos áudios em comparação com as conversas gravadas. Por isso, essa escolha exige também uma técnica para lidar com programas de computador específicos, uma boa audição e atenção redobrada. Como a intenção é fazer uma mistura, uma sobreposição de sons que permitam trazer

ouvinties para o ambiente narrado, o lugar em que gravaríamos também precisava ser escolhido com cuidado. Quanto mais silencioso, melhor.

Afinal, onde gravar? O fato de a USP ser um destino comum, onde íamos com mais frequência, tornava-a uma alternativa mais óbvia. Decisão estratégica, porque a mobilidade urbana na maior cidade da América Latina, São Paulo, é sempre um problema que se impõe. O trânsito é uma interferência nos deslocamentos, mas também pelo barulho que provoca. Precisamos de silêncio. E no *campus* do Butantã, estaríamos também em relativo isolamento dos barulhos da cidade. O que acham de um estúdio de gravação? Ainda melhor! Mas onde existem estúdios na USP?

Após algumas portas fechadas, encontramos no Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA-USP), vinculado ao Departamento de Antropologia da FFLCH-USP, um espaço de acolhimento. Lá, passamos a gravar nossos programas. Localizado na Colmeia, um conjunto de prédios anexados ao Conjunto Residencial da USP (CRUSP), o LISA é um centro de pesquisa, documentação e experimentação em Antropologia Audiovisual. Além da sua coleção de filmes, imagens e registros sonoros (disponível para consulta), o laboratório tem a infraestrutura e o suporte técnico de que estávamos em busca.

Nesse ambiente teríamos um outro início. Com o apoio de Sylvia Caiuby, Ricardo Dionísio e, em especial, de Leonardo Fuser, começamos nossa jornada. Também recebemos o apoio da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo (PRG-USP) com duas bolsas durante quase um ano. Isso possibilitou a alguns de nossos integrantes dedicarem mais tempo para as atividades do *podcast*. Foi nessa oportunidade que o Fred e o Mat se juntaram ao *Selvagerias*.

## **Como contar uma história da Antropologia?**

Durante os quatro episódios da nossa primeira temporada, buscamos falar sobre a história da Antropologia, abordando alguns de seus marcos e correntes. No primeiro episódio, *O que é antropologia?*, demos algumas definições possíveis para o campo disciplinar e apontamos como ela se relaciona com nosso cotidiano. Já em *Selvagerias, barbáries e civilizações*, o segundo episódio, adentramos o terreno que os antropólogos costumam apontar como o começo da disciplina: es evolucionistas. No terceiro, *Um caldo à brasileira*, focamos no início da Antropologia no

Brasil. E no último episódio, *Os fins da antropologia*, brincamos com os diferentes significados da palavra “fins”, que pode significar tanto finais como finalidades. Exploramos uma vertente mais jovem da disciplina, além de comentar grandes acontecimentos de 2020: a crise ambiental e a pandemia de covid-19.

Olhando retrospectivamente, podemos afirmar que “um espectro rondava o Selvagerias” e esse espectro era Marilyn Strathern. A antropóloga britânica, nascida em 1941, é conhecida internacionalmente por seus trabalhos sobre formas de parentesco e a respeito dos Hagen, povo nativo de Papua Nova Guiné, ilha melanésia situada próximo da Austrália. Em particular, fomos movidos pela discussão dela em *Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia*. Nesse livro, preocupada com a possibilidade (e os modos) de exprimir conceitos alheios com ideias familiares, Strathern questiona quais são os efeitos que as narrativas antropológicas sobre a origem da disciplina e seus procedimentos provocam no próprio fazer antropológico. Em resumo, a discussão da autora sobre *e antropologue como escritore* nos ajudou a pensar o modo como contaríamos a história da disciplina, tema de nossa primeira temporada. Percebendo que poderíamos trilhar múltiplos caminhos, tivemos de escolher uma história e um modo de contá-la, dentre tantas outras possibilidades narrativas. Lidávamos, então, com o problema de como apresentar para um público amplo o que es antropólogos fazem, como trabalham e o que ou quem pesquisam.

Assim, paramos também para pensar na forma como aprendemos a história da Antropologia, ao longo de nossa própria formação, a qual, de certo modo, tornou ilegíveis algumas autories tides como evolucionistas, tais como Sir James George Frazer, Edward Burnett Tylor e Lewis Henry Morgan. O motivo que es transformou em autories mal vistas costuma ser vinculado ao legado eugenista de tais trabalhos. O eugenismo foi uma corrente de pensamento que buscou produzir uma seleção racial baseada na ideia de “bem nascide”, visando o aprimoramento humano. Procuraram-se bases para essas teses, entre outras referências, em trabalhos antropológicos, ainda que es antropólogos não concordassem necessariamente com isso.

No entanto, para Strathern, o que tornou um conjunto tão diverso de autories ilegíveis não foi só o legado deles, mas também o surgimento de uma nova

forma narrativa dentro da Antropologia. Es antropólogos evolucionistas se aproximavam de seus leitores, que eram seus companheiros de nacionalidade, classe e/ou etnia, e lançavam um olhar exótico para outros povos e culturas. O exotismo estava na aproximação que faziam de exemplos etnográficos tão diferentes uns dos outros, mas postos lado a lado sem contexto, isto é, sem mostrar suas particularidades. Por sua vez, a partir de Bronislaw Malinowski (1884-1942), antropólogo polonês radicado na Inglaterra e um dos criadores do método etnográfico, es antropólogos modernos priorizavam as descrições etnográficas densas a respeito de um só povo com o qual conviveram por um longo período de tempo.

Logo, queríamos ler de novo esses autores, experimentando novos olhares sobre es clássicos da disciplina, mas tratando com responsabilidade os perversos efeitos que algumas de suas ideias ajudaram a fomentar. Com surpresa e prazer, nos deparamos com um Morgan muito diferente do que estávamos habituados. Encontramos um antropólogo engajado com as pautas dos povos nativos norte-americanos e que desenvolveu uma duradoura amizade com seu interlocutor de pesquisa, o jovem sêneca Ely Parker, para quem Morgan dedicou o livro *Liga dos Iroqueses* e a quem, inclusive, ajudou criando conexões com a sociedade branca dominante. Essas relações lembram mais os projetos de pesquisa colaborativos da contemporaneidade do que os estudos evolucionistas de então.

De todo modo, por conta de nossa preocupação em construir uma narrativa sonora não exotizante, recorremos a uma estética irônica visando subverter o sentido usualmente atribuído a certas palavras. Isto é expresso nos títulos dos episódios, adicionando um tom de humor às referências, fossem elas antropológicas ou populares. Como é o caso de *Um caldo à brasileira*, por exemplo, um episódio em que discutimos o projeto de miscigenação nacional. Portanto, fizemos uma referência à história da Antropologia a partir de termos populares ao invés de termos acadêmicos.

Nesse sentido, o nome do *podcast*, *Selvagerias*, faz uma dupla referência: primeiro, ao livro *O pensamento selvagem*, de Claude Lévi-Strauss, e, segundo, à ideia de “selvageria”. No século XIX, alguns autores usavam as expressões “selvageria”, “barbárie” e “civilização” para categorizar os supostos estágios de evolução humana, nesta ordem. No entanto, apenas es europeus eram considerados civili-

zados, o que denota o racismo de tais concepções. Então por que usar um termo pejorativo? Bom, porque selvagem é também aquele saber indisciplinado, que não pode ser domado, e enfatizar isso é reconhecer a força presente no conhecimento des dites “selvagens”.

Além do mais, o *pensamento selvagem* é, para o antropólogo Lévi-Strauss, uma forma de pensar a partir do sensível, isto é, a partir dos sentidos e da materialidade, um tipo de pensamento muito sofisticado e recorrente nas sociedades outrora descritas como “selvagens”, embora não exclusivo a elas. Pensando nisso, uma amiga nossa, Clarissa Reche, primeiro sugeriu o nome “selvageria”, no singular, mas em seguida, por sugestão de uma professora apoiadora do projeto do *podcast*, Fernanda Arêas Peixoto, foi colocado no plural como forma de apontar para o fato de que não existe um “selvagem”, ou uma “selvageria”. Dito de outro modo, com esse nome queremos dizer que o exotismo está nos olhos de quem vê, e não na forma de vida de quem é visto sob esse prisma.

Foi também por causa da preocupação ética que formulamos coletivamente uma homenagem às populações tradicionais, sem as quais não haveria Antropologia. Assim, inspirados num *podcast* australiano de Antropologia, *The Familiar Strange*, e no *Manifesto Antropófago*, de Oswald de Andrade, escrevemos o seguinte trecho, presente em todos os nossos episódios:

Gostaríamos de homenagear as populações tradicionais, originárias ou trazidas à esta terra, sobre a qual produzimos este *podcast*. Sem elas nada disso existiria: nenhum corpo, nenhuma ideia. Pelos emigrados, pelos traficados e pelos turistas no país da cobra grande, este *podcast* se destina a todos os curiosos, profissionais ou amadores.

Oswald aparece em outro momento, aliás. Nossa vinheta, “somos o Selvagerias e só nos interessa o que não é nosso”, é uma apropriação de um trecho do manifesto. Não seria exagero afirmar que o modernismo e a tropicália são outros dois espectros que rondavam o Selvagerias, o que nos leva a mais um assunto: os sons.

## Como experimentar sons?



Frederico e Mateus na ilha de edição, no Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA/USP).

Fonte: Arquivo do Selvagerias

Realizar o Selvagerias nos fez assumir uma atuação experimental. Afinal, a aventura de criar composições sonoras produzidas a partir de camadas diversificadas de sons e vozes era uma experiência nova para nós. O processo criativo envolvido na produção do Selvagerias nos fez perceber que era preciso coincidir a identidade sonora com uma prática antropológica. Mas levou um pouco de tempo para incorporarmos esse espírito na criação de conteúdo.

Não queríamos assumir que estávamos fazendo um grande feito assim logo de partida. Quando começamos a frequentar o LISA e entender que finalmente realizaríamos um *podcast*, não queríamos idealizar nossos resultados, no sentido de que não tínhamos um formato fixo dos programas em mente. Tivemos que enfrentar tudo que implica uma prática de produção em estúdio: compreender o funcionamento dos equipamentos, quais seriam os melhores *softwares* disponíveis para edição, como deveríamos posicionar os microfones. Enfim, éramos verdadeiros amadores naquele universo. Estávamos querendo realizar algo novo em relação ao que tínhamos contato na área, e para isso, optamos por assumir que se tratava de um experimento.

Ao assumir o caráter de ensaio do *podcast*, buscamos incluir o próprio processo da produção dos episódios nas nossas ideias e roteiros. Logo, surgiu a ideia de provocar rupturas como recurso narrativo, interrompendo a locução da Tai, do Lippi e da Bia e evidenciando que o *podcast* estava na verdade sendo editado em um estúdio.

O episódio piloto começa com Fred e Mateus, se encontrando no próprio estúdio de edição, conversando sobre revisar o *podcast*. Ao apertarem o *mouse* do computador, iniciavam a vinheta, e o primeiro episódio do *Selvagerias* prosseguia. Em todas as aparições no decorrer dos episódios, es editorias surgiam e desapareciam ao som do clique do *mouse*, acompanhadas do universo “de fora” do *podcast* e do ambiente inerte do estúdio silencioso, contrapondo-se aos arranjos acompanhados de trilhas sonoras, conversas e entrevistas do interior do *podcast*. A porta da sala de gravação rangendo, os goles de café, o teclado de computador, o aperto do *mouse*, elementos exteriores da narrativa e interiores do próprio processo de edição e montagem do *podcast*. Até mesmo chamadas de *Whatsapp* com as próprias participantes do *podcast*, já distanciados do momento da gravação, apareciam nessas quebras de narrativa para colaborar na montagem do episódio com indagações e esclarecimentos. Apostamos em explicitar nosso processo criativo, criando uma bifurcação narrativa: a relação entre o processo de fazer o *podcast* e a composição final de cada episódio.

Logo nosso processo criativo passou a funcionar a partir de bifurcações e cruzamentos. Queríamos cruzar também sonoridades, aproximar universos sonoros diversos que não são comuns de serem ouvidos conjuntamente. Tínhamos a vontade consciente de brincar com a ideia de *bricolage*, como sugeriu Lévi-Strauss quando tratou do plano mítico no pensamento ameríndio. Para tatear aspectos subjetivos e abstratos que pudessem ser presentes no que abordamos nos episódios, buscamos criar composições a partir de um repertório de elementos dos mais variados tipos: sons de planetas, de pássaros, das matas e seus rios, de sintetização eletrônica, de notificações de celular. Queríamos priorizar o sensível da narrativa e trazer a percepção do conflito e da convivência de diferenças através da composição de frequências sonoras variadas. Tentamos usar esse recurso para ajudar a pincelar tons de dramaticidade na narrativa construída, pontuando tensões, dúvidas e clarividências.

A partir desses cruzamentos, buscamos criar ambientes sonoros e nos aventuramos nas misturas possíveis de sonoridades provenientes de universos diversos para criar a própria paisagem do *Selvagerias*. Na introdução de cada episódio, um sussurro um tanto metálico e transcendente surge progressivamente anunciando a homenagem às populações tradicionais originárias e enraizadas que nos inspiram e fundamentam nossas motivações para praticar Antropologia e produzir o *podcast*. Este som principiante é uma simulação sonora das frequências captadas de Plutão, o astro do sistema solar mais distante da nossa esfera planetária. A locução de Tai, Lippi e Bia era acompanhada por uma diversidade sonora, batuques, dedilhados de viola e sintetizações de músicas *vaporwave* e faixas de videogames, conjuntamente com os sons dos seres e agentes que habitam as florestas. Por meio dessa amálgama narrativa, eram encadeadas as indagações e discussões com es interlocutories entrevistades.

Elaborar composições narrativas requeria constantes debates sobre o que estávamos produzindo. Preocupamo-nos em como seriam feitos os deslocamentos e as experimentações nas discussões, sem desconstrair as palavras simplesmente sobrepondo camadas de sons aleatórios. Ao realizarmos o *Selvagerias*, nos deparamos com o desafio de perceber as reverberações do que falamos, principalmente quando se trata sobre uma área do conhecimento dedicada ao que afeta nosso próprio ponto de vista. Percebemos não apenas como produzir um *podcast* sobre Antropologia, mas como exercitar uma prática antropológica. Os sentidos que tomamos em nossas criações estão contaminados pela disposição em conhecer diferentes modos de vida e de permitir que as suas narrativas montem arranjos em nossa cabeça. Permitimos ser contaminados pelas reverberações de distintos pontos de vista para criar composições de nossas próprias narrativas.

Quando voltamos os olhos para nossa formação, em poucos momentos de nossa formação fomos apresentades às histórias de vida de profissionais da área com profundidade, como fizemos no episódio 2, *Selvagerias, Barbáries e Civilizações*, com acontecimentos da vida de Henry Lewis Morgan, antropólogo estadunidense. Nesse sentido, o *Selvagerias* foi um jeito de darmos vazão a interesses diversos, que nem sempre podíamos explorar em nossas próprias pesquisas. Era também um passatempo para quem gosta de discutir Antropologia até no tempo vago. E, quem sabe, daqui pra frente possa ser um pontapé inicial na construção de uma cultura científica.

## Referências

ANDRADE, Oswald de. O manifesto antropófago. *In*: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

STRATHERN, Marilyn. *Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia* (seguido de comentários e respostas). Tradução e revisão técnica Tatiana Lotierzo e Luis Felipe Kojima Hirano. São Paulo, SP: Terceiro Nome, 2013.

Familiar strangers. Acesso em 27/01/2021.



Acesse aqui a página do *podcast* Selvagerias

**Frederico Sabanay:** é graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). Realiza licenciatura pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) e é editor de som do Selvagerias *Podcast*. Estagiou no Programa de Monitoramento de Áreas Protegidas do Instituto Socioambiental (ISA). Com raízes no litoral paulista e no Vale do Ribeira, pesquisa conflitos socioambientais associados à monocultura extensiva, sociobiodiversidade e mudanças climáticas, além de atuar nos campos da educação, audiovisual e etnomusicologia. *E-mail:* [frederico.sabanay@usp.br](mailto:frederico.sabanay@usp.br)

**Lucas Lippi:** é aluno de mestrado em Antropologia Social na USP. Atualmente, faz uma pesquisa etnográfica com caiçaras de São Sebastião (SP) acerca da chegada da Petrobras no centro do município. Suas reflexões envolvem temas como desenvolvimento, memória e arquivo. Além disso, também tem interesses nos debates acerca de antropologia da ciência e das técnicas. Desde 2018, junto com Tainá

Scartezini e Frederico Sabanay, tem produzido o *Selvagerias*, pois entende ser de extrema relevância exercitar distintas maneiras de comunicar o fazer científicos para públicos diversos. *E-mail*: [lucas.lippi.silva@usp.br](mailto:lucas.lippi.silva@usp.br)

**Tainá Scartezini:** catarinense radicada em São Paulo, é bacharela em Ciências Sociais pela USP e especialista em Jornalismo Científico pelo Labjor/Unicamp. Atualmente, faz mestrado em Antropologia Social, também pela USP, onde pesquisa o projeto de créditos de carbono desenvolvido pelos Paiter Suruí. Interessa-se por debates interdisciplinares entre Etnologia, Ecologia e Economia, com foco nos temas de mudanças climáticas e C&T (ciência e tecnologia). Desde 2018, produz o *podcast* *Selvagerias* com colegas de graduação. Acredita na palavra e na escuta. *E-mail* para contato: [taiscartezini@gmail.com](mailto:taiscartezini@gmail.com)